

lives. “Women have always built families, homes, and projects. We can also build with cement. The result is the transformation of lives and the reduction of inequality.”

Regarding what drives so many women to seek a place on construction sites, Bia summarizes what she hears from her students: “They say they want financial independence, to build with their own hands, and to rebuild their lives. There is also something simpler and deeper: they want to be owners of their own lives.”

Karina Cândido also highlights that ensuring the survival and well-being of the family is another very strong motivation. “Women seek jobs to support their households. This is an area that pays reasonably well, which makes it very attractive.”

By choosing to become a bricklayer, women gain more than technical skills: they broaden their horizons and transform the environment around them. “When a woman learns to lay tiles, build a wall, or renovate her own home, she is breaking a pattern of dependence. She can work formally, start her own business, and generate income within her community,” Bia explains.

The greatest challenge was never learning the technique. The main obstacle is still prejudice. “Many women enter the profession already having to prove twice as much. We still face environments where silent violence has been normalized through comments, mistrust, and even disqualification.”

But where women were once seen as an exception, female bricklayers are now recognized as references. They learn quickly, work with precision, and deliver high-quality results. Attention to detail, organization, excellence in finishing, and strict compliance with standards have become hallmarks of these professionals. “Today, there are companies actively looking for women,” Bia notes.

Where many see only an empty plot of land, female bricklayers see the possibility of a house, a school, a hospital — in short, a space to shelter lives. “I imagine the people and families who will live there and build their stories, so I always think about delivering my very best. Manual construction work goes beyond the building itself; it is a work of art,” Karina concludes.

The special stamp Pedreiras is the final one in the Professions series, launched by Correios in 2021, with the goal of giving visibility and expressing gratitude to professionals who are part of our daily lives but often do not receive due recognition, despite performing activities that are crucial to society’s functioning.

With Bricklayer, Philately pays tribute to women who, by entering the profession, help dismantle the walls of prejudice.

May this stamp be one more piece in the construction of this great collective work: a fair and dignified present and future for all women. By supporting equality and equity, Correios reaffirm a truth as solid as concrete: a woman’s place is wherever she wants to be.

**Sandra Regina Santos - Journalist**

**Institutional Communication Department of Correios Brasil**

## Detalhes Técnicos

Edital nº 5  
Arte: Fernanda Almeida  
Valor facial: 1º Porte da Carta  
Impressão: Casa da Moeda do Brasil  
Processo de Impressão: ofsete + verniz UV  
Papel: cuchê gomado  
Tiragem: 90.000 selos  
Folha com 30 selos  
Dimensões da folha: 174 x 271mm  
Dimensão do selo: 30 x 40mm  
Área de desenho: 25 x 35mm  
Picotagem: 12 x 11,5

Data de emissão: 17/12/2025  
Local de lançamento: Brasília/DF

Coordenação: Departamento de Relacionamento Institucional/Correios

Os produtos podem ser adquiridos nos canais físicos e digitais dos Correios.

Cód. comercialização: 852013981

## Technical Details

Stamp issue N. 5  
Art: Fernanda Almeida  
Facial value: 1<sup>st</sup> class rate for domestic mail  
Printing: Brazilian Mint  
Print system: offset + UV varnish  
Paper: gummed chalky paper  
Issue: 90,000 stamps  
Sheet with 30 stamps  
Sheet dimensions: 174 x 271mm  
Stamp dimensions: 30 x 40mm  
Design area: 25 x 35mm  
Perforation: 12 x 11.5

Date of issue: December 17<sup>th</sup>, 2025  
Place of issue: Brasília/DF

Head: Department of Institutional Relations/Correios Brasil

Orders can be purchased through both physical and digital platforms of the Correios only in Brazil.

Code: 852013981

## Sobre o Selo

Este é o último selo da série Profissão, iniciada em 2021. A arte do selo celebra e valoriza a profissão de pedreira, reforçando a igualdade de gênero e o reconhecimento de profissões essenciais. A imagem traz uma mulher adequadamente vestida para exercer seu trabalho, usando um capacete de segurança vermelho, camisa e luvas azuis. Ela segura uma desempenadeira com massa de cimento em uma mão e uma colher de pedreira na outra, em uma pose firme e confiante, exaltando o empoderamento feminino. A cor do fundo é lilás, trazendo delicadeza na representação de uma profissão considerada tão masculina, e destacando a profissional. A técnica usada foi ilustração manual e computação gráfica.

## About the Stamp

This is the final postage stamp in the Profession series, which began in 2021. The stamp’s artwork celebrates and values the profession of bricklayer, reinforcing gender equality and the recognition of essential professions. The image depicts a woman properly dressed for her work, wearing a red safety helmet, a blue shirt, and blue gloves. She holds a trowel with cement mortar in one hand and a bricklayer’s trowel in the other, in a firm and confident pose that highlights female empowerment. The background color is lilac, adding delicacy to the representation of a profession traditionally seen as masculine and drawing attention to the professional herself. The technique used was manual illustration combined with computer graphics.

 **Correios**

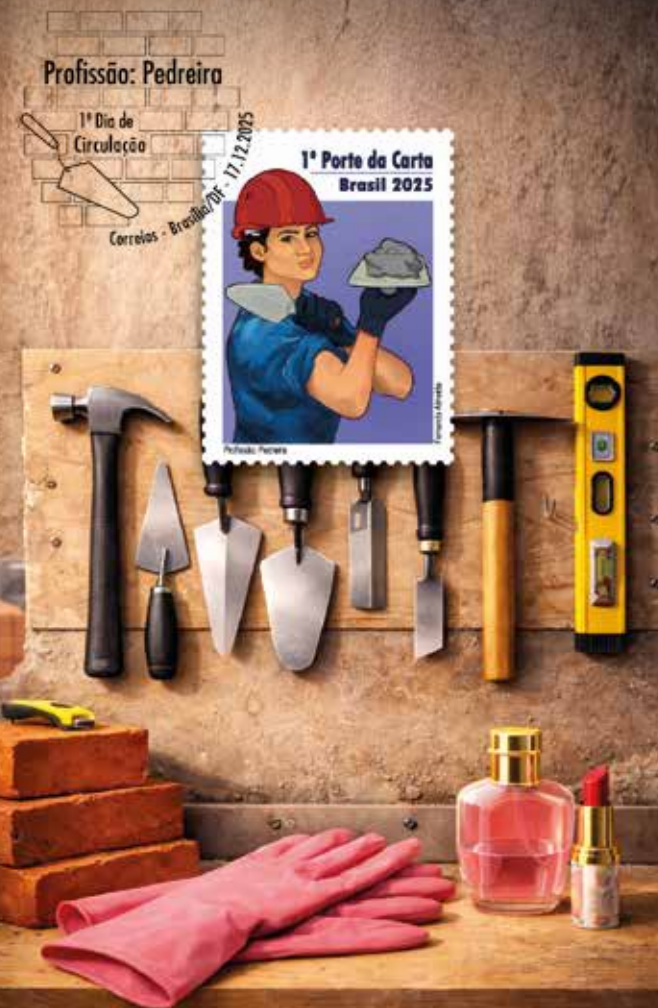
EDITAL  
**5/2025**

Emissão Postal Especial

# Profissão: Pedreira

*Special Postal Issue*

**Profession: Bricklayer**



[www.correios.com.br/filatelica/](http://www.correios.com.br/filatelica/)  
[loja.correios.com.br](http://loja.correios.com.br)



Baixe o app Correios  
[@correiosoficial](https://www.instagram.com/correiosoficial)

## Pedreiras

Olhe à sua volta. Repare bem em tudo. Tudo mesmo: casas, prédios, escolas, hospitais, ruas, avenidas, praças. Desde os primeiros abrigos até as cidades mais modernas, sempre houve alguém capaz de transformar matéria bruta em espaço habitável. Alguém que concretiza, literalmente, o que está no papel. Em suas mãos os projetos ganham corpo e estrutura.

A profissão de pedreiro é uma das mais antigas e essenciais para a vida humana. Nada se levanta sem o trabalho deles e, também, delas. Sim, elas.

Embora a imagem da profissão ainda esteja associada aos homens, cada vez mais, mulheres conquistam espaço nos canteiros de obras. Segundo o IBGE, a presença feminina na construção civil, em todos os cargos, ainda representa 11% da força de trabalho no setor. Pode parecer pouco, mas, entre 2018 e 2023, esse número subiu cerca de 45%, passando de 193 mil para 279 mil.

Karina Cândido é parte dessa mudança. Há 15 anos, deixou a carreira de jornalista para recomençar como pedreira. “Eu estava muito insatisfeita com a minha carreira na Comunicação. Trabalhei numa revista especializada sobre construção civil e aquilo sempre me chamava atenção, me despertava curiosidade”, lembra.

Os muitos problemas com a reforma de um apartamento foram decisivos para essa guinada. Ela conta que, ali, compreendeu a importância da mulher entender sobre construção. Na época, morava em São José do Rio Preto (SP) e matriculou-se no curso Pedreiro de Alvenaria. “Eu era a única mulher da turma. Mas isso nunca foi barreira pra mim”.

A adaptação não foi fácil. “Eu pesava 49 kg, tenho 1,63 m, e era um desafio físico e emocional. Não tinha bota nem luva que me servissem direito. O sexismo foi forte. Me pagavam menos que um servente homem sem experiência.”

O primeiro trabalho como pedreira veio depois de muita insistência. “Chegava na sala e ficava pedindo emprego para os colegas: ‘me leva pro canteiro, me dá uma oportunidade’”, conta. Um deles abriu a porta e Karina começou como servente de pedreiro: batia massa, carregava materiais, fazia limpeza da obra. Depois, o professor do curso a convidou para atuar em obras que coordenava. “Levantei muito tijolo, muita casa, já fiz de tudo.”

Hoje, como mestre de obras, Karina coordena equipes, sobe andaimes e ensina alunas a assentar tijolos. Ela também é professora de mulheres que querem aprender a profissão. “Cada uma busca na construção uma oportunidade de existir.”

Pensando abrir caminhos para as mulheres num território marcado, em todos os sentidos, pelo masculino, em 2006, Bia Kern fundou o Instituto Mulher em Construção (IMEC) na cidade de Canoas (RS). O instituto nasceu com o objetivo de criar oportunidades para mulheres em situação de vulnerabilidade social, oferecendo formação profissional, visando, principalmente, a conquista de direitos e de autonomia econômica.

“Comecei a trabalhar na área porque ela representa exatamente o lugar onde disseram que não era para nós. Tínhamos, e temos ainda, uma lacuna de mão-de-obra no setor. Então, por que não colocar as mulheres para ocupar esse espaço?”, pergunta.

Bia também vê a presença das mulheres na profissão como continuidade natural de algo que elas sempre fizeram: erguer estruturas que sustentam vidas. “As

mulheres sempre construíram famílias, lares, projetos. Podemos também construir com cimento. O resultado é a transformação de vidas e a redução de desigualdades.”

Sobre o que move tantas mulheres a buscarem um lugar nos canteiros de obras, Bia resume o que ouve das alunas. “Elas dizem que querem independência financeira, construir com as próprias mãos e reconstruir suas vidas. Tem também algo mais simples e profundo, é que elas querem ser donas da própria vida”, relata.

Karina Cândido destaca também que garantir a sobrevivência e bem-estar da família é um outro motivo bastante forte. “A mulher busca um emprego para sustentar a casa. É uma área que não paga mal, ou seja, é um grande atrativo.”

Ao escolher ser pedreira, a mulher conquista mais do que técnica: amplia seus horizontes e transforma também o ambiente ao seu redor. “Quando ela aprende a assentar um piso, levantar uma parede ou reformar a própria casa, está rompendo um padrão de dependência. Ela pode trabalhar formalmente, empreender e gerar renda na própria comunidade”, explica Bia.

O maior desafio nunca foi aprender a técnica. O principal obstáculo ainda é o preconceito. “Muitas mulheres já começam na profissão tendo que provar o dobro. Ainda enfrentamos ambientes que naturalizaram a violência silenciosa com comentários, certa desconfiança e até desqualificação.”

Mas onde antes eram vistas como exceção, hoje, pedreiras são reconhecidas como referência. Elas aprendem rápido, trabalham com precisão e entregam muita qualidade. Atenção aos detalhes, organização, excelência no acabamento e rigor no cumprimento das normas tornaram-se marcas registradas do trabalho dessas profissionais. “Hoje, há empresas procurando mulheres”, comenta Bia.

Onde muitos veem apenas um terreno vazio, pedreiras veem a possibilidade de uma casa, escola, hospital, enfim, de um espaço para acolher vidas. “Fico imaginando as pessoas, famílias que, ali, se abrigarão, viverão suas vidas e histórias, então, penso em sempre entregar o meu melhor. Trabalho manual na construção vai além da obra em si, é obra de arte!”, conclui Karina.

O selo especial Pedreiras é o último da série Profissões, lançada pelos Correios em 2021, com o objetivo de dar visibilidade e expressar gratidão a profissionais que fazem parte do nosso cotidiano, mas que, muitas vezes, não recebem o devido destaque, apesar de desempenharem atividades cruciais para o funcionamento da sociedade.

Com Pedreiras, a Filatelia faz uma homenagem às mulheres que, ao ingressarem na profissão, ajudam a desfazer os muros do preconceito.

Que este selo seja mais uma peça na construção dessa grande obra coletiva: um presente e um futuro justo e digno para todas as mulheres. Ao apoiar a igualdade e a equidade, os Correios reafirmam uma verdade tão sólida quanto o concreto: lugar de mulher é onde ela quiser.

**Sandra Regina Santos - Jornalista**

**Departamento de Comunicação Institucional dos Correios**

*Agradecimentos:*

- Instituto Mulher em Construção (IMEC)

- Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de São Paulo (Sintracon-SP)

- Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (SindusCon-SP)

## Bricklayers

Look around you. Take a close look at everything. Everything, really: houses, buildings, schools, hospitals, streets, avenues, squares. From the very first shelters to the most modern cities, there has always been someone capable of transforming raw material into habitable space. Someone who literally brings what is on paper into reality. In their hands, projects gain form and structure.

The profession of bricklayer is one of the oldest and most essential to human life. Nothing is built without their work — and also without hers. Yes, hers.

Although the image of the profession is still largely associated with men, more and more women are gaining space on construction sites. According to IBGE, women currently represent 11% of the workforce in the construction sector across all positions. It may seem small, but between 2018 and 2023 this number grew by about 45%, rising from 193,000 to 279,000 women.

Karina Cândido is part of this change. Fifteen years ago, she left her career as a journalist to start over as a bricklayer. “I was very dissatisfied with my career in Communication. I worked for a magazine specialized in construction, and that always caught my attention and sparked my curiosity,” she recalls.

Repeated problems during the renovation of an apartment were decisive for this turning point. It was then that she understood how important it is for women to understand construction. At the time, she lived in São José do Rio Preto (São Paulo) and enrolled in a Brick Masonry course. “I was the only woman in the class. But that was never a barrier for me.”

Adapting was not easy. “I weighed 49 kg, I’m 1.63 m tall, and it was a physical and emotional challenge. There were no boots or gloves that fit me properly. Sexism was intense. I was paid less than an inexperienced male laborer.”

Her first job as a bricklayer came only after a lot of persistence. “I would walk into the room and keep asking my classmates for work: ‘take me to the site, give me a chance,’” she says. One of them opened the door, and Karina started as a bricklayer’s helper: mixing mortar, carrying materials, cleaning the site. Later, the course instructor invited her to work on projects he coordinated. “I laid a lot of bricks, built many houses, I’ve done everything.”

Today, as a site forewoman, Karina coordinates teams, climbs scaffolding, and teaches students how to lay bricks. She is also a teacher for women who want to learn the profession. “Each woman seeks, in construction, an opportunity to exist.”

With the goal of opening paths for women in a field marked in every sense by masculinity, Bia Kern founded the Mulher em Construção Institute (IMEC) in 2006, in the city of Canoas (Rio Grande do Sul). The institute was created to generate opportunities for women in situations of social vulnerability by offering professional training, primarily aimed at achieving rights and economic autonomy.

“I started working in this field because it represents exactly the place we were told did not belong to us. There was — and still is — a labor shortage in the sector. So why not place women in that space?” she asks.

Bia also sees women’s presence in the profession as a natural continuation of something they have always done: building structures that sustain